

É O SUICÍDIO UM PROBLEMA FILOSÓFICO?*

IS SUICIDE A PHILOSOPHICAL PROBLEM?

Maikon Chaider Silva Scaldaferrero**
Claudiana Campanharo***

RESUMO

O suicídio aparece como tema nos escritos filosóficos desde a antiguidade. Pensadores como Camus chegaram a postular que o problema do suicídio é a questão filosófica mais fundamental. Mas em que consiste o problema do suicídio? Ele é um problema filosófico de fato? Na primeira parte do nosso artigo, elencamos as diferentes maneiras que esse problema foi formulado ao longo da história. Na segunda parte do artigo, discutimos o que seria uma “solução wittgensteiniana” para o problema do suicídio, tomando como referência o *Tractatus logico-philosophicus*. Nesse ponto examinamos a perspectiva de Wittgenstein sobre a lógica da linguagem e como isso se aplica ao entendimento do problema. Por fim, avaliamos criticamente a “solução wittgensteiniana”, apontando as suas limitações e sugerindo novas direções para a investigação filosófica sobre o suicídio. Com isso, indicamos em que consiste a natureza filosófica do problema do suicídio, ressaltando sua relevância para pensarmos tópicos éticos, políticos e existenciais.

PALAVRAS-CHAVE: suicídio; ética; Wittgenstein.

ABSTRACT

Suicide has appeared as a theme in philosophical writings since antiquity. Thinkers like Camus have even postulated that the problem of suicide is the most fundamental philosophical question. But what constitutes the problem of suicide? Is it truly a philosophical problem? In the first part of our article, we enumerate the different ways this problem has been formulated throughout history. In the second part of the article, we discuss what a “wittgensteinian solution” to the problem of suicide would look like, using the *Tractatus Logico-Philosophicus* as a reference. At this point, we examine Wittgenstein's perspective on the logic of language and how it applies to understanding the problem. Finally, we critically evaluate the “wittgensteinian solution”, pointing out its limitations and suggesting new directions for philosophical investigation into suicide. With this, we indicate the philosophical nature of the problem of suicide, highlighting its relevance for thinking about ethical, political, and existential topics.

KEYWORDS: suicide; ethics; Wittgenstein.

* Artigo recebido em 27/05/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

** Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: maikonchaider@hotmail.com.

*** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora na rede estadual de ensino. E-mail: claucampanharo@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Relatórios da OMS têm apontado há alguns anos para uma epidemia de suicídios. Em 2019 uma a cada cem mortes no mundo ocorreu por suicídio. No Brasil o suicídio é a terceira causa de mortes de jovens entre 15 e 29 anos. O tema da prevenção de suicídios ganhou a esfera pública; todavia, agir de modo preventivo implica compreender as causas do comportamento suicida. Nesse ponto, a investigação das ciências da saúde e das ciências sociais é imprescindível. Aliás, um livro que é um dos pilares das ciências sociais é justamente sobre o suicídio; trata-se do trabalho de Émile Durkheim, *O suicídio*. Nessa obra o sociólogo francês investiga justamente de que modo as relações sociais podem determinar o comportamento suicida.

Talvez os filósofos tenham pouco a dizer sobre a prevenção do suicídio. Além disso, a investigação sociológica parece também mais adequada para investigar as “causas” de uma epidemia de suicídios. Contudo, o suicídio foi tratado como um problema filosófico ao longo da história. E aqui retomamos esse tema tentando responder à questão: é o suicídio um problema filosófico? Na primeira parte do nosso artigo indicamos três modos de formular o problema filosófico do suicídio. Na segunda parte tomamos por base a filosofia de Wittgenstein, perguntando-nos se o filósofo austríaco considera o suicídio um problema possível de resolução. Por fim, avaliamos se diante da crítica wittgensteiniana ainda faz sentido a filosofia se debruçar sobre o problema do suicídio.

1 O SIGNIFICADO DO PROBLEMA

“Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio” (Camus, 2007, p. 15). Assim começa o mais conhecido ensaio escrito por Albert Camus. A sentença de Camus é tão contundente, e pode passar a impressão que pela primeira vez o “suicídio” estava sendo abordado em uma obra filosófica. Embora a originalidade de Camus esteja em tratar o suicídio como tema central da filosofia, antes dele diversos pensadores abordaram de maneira instigante o assunto. Na Antiguidade vemos argumentos contrários ao suicídio em textos de Platão e Aristóteles (Rey Puente, 2008). A filosofia cristã, de Agostinho a São Tomás de Aquino, também elaborou argumentos contra o suicídio, apontando como este se configuraria como uma ofensa a Deus. Também na Antiguidade encontramos argumentos favoráveis ao suicídio, pelo menos em determinadas situações em que viver tenha se tornado insustentável.

Essa abordagem foi desenvolvida por estoicos como Sêneca, e retomada na modernidade por Montaigne. Um obscuro pensador da Antiguidade, cujas poucas informações que temos nos foram legadas por Cícero, tratou o tema do suicídio de maneira bem diferente do modo como foi tratado pelos seus contemporâneos. Trata-se de Hegésia de Cirene. De acordo com Cícero, Hegésia era tão convincente ao ensinar que a morte nos livra dos males e não das coisas boas, que ele foi “proibido, pelo rei Ptolomeu, de ensinar aquelas coisas nas escolas, porque muitos se suicidaram depois de terem ouvido sua exposição” (Cícero, 2014, p. 99).

Antes de chegar até Camus, a discussão filosófica do suicídio passa por diversos outros filósofos. Abordaram o tema Hume, Kant, Rousseau, Schopenhauer, Nietzsche, dentre outros. Mas não é nosso objetivo reconstruir a história do debate filosófico sobre o suicídio. Para isso, recomendamos o trabalho de Rey Puente (2008). Se diversos filósofos escreveram sobre o suicídio é porque buscavam responder alguma questão, algum problema filosófico. Portanto, precisamos delimitar primeiramente em que consiste o problema filosófico do suicídio. E, como veremos a seguir, não se trata de um só problema. Diferentes questões constituem o pano de fundo dos textos filosóficos sobre o suicídio.

Identificamos pelo menos três problemas filosóficos sobre o suicídio que, ao longo da história, diferentes autores tentaram responder. Para fins didáticos, lançaremos mão de uma terminologia para classificar esses problemas que pode não ser consensual, e divergir de outras abordagens. Desse modo, classificamos o problema do suicídio em três categorias: problema ético-existencial, problema ético-axiológico e problema ético-político. O ponto de partida para a compreensão de um argumento filosófico sobre o suicídio é entender que tipo de questão ele tenta responder.

O problema ético-existencial sobre o suicídio pode ser assim formulado: Devemos viver? Por que devemos viver? A vida vale a pena ser vivida? Nota-se que esse tipo de problema está conectado com uma busca pelo sentido da vida. Há uma procura de razões que justifiquem a nossa existência. É justamente esse tipo de problema que encontramos em Camus, por exemplo. O que o filósofo argelino considera o mais sério problema filosófico é um problema existencial sobre o suicídio. Embora Camus fale em “o problema do suicídio” veremos a seguir que na verdade outros problemas foram abordados bem antes do filósofo escrever *O mito de Sísifo*.

Podemos formular da seguinte maneira o problema ético-axiológico do suicídio: É moralmente correto tirar a própria vida? Quem age dessa forma está cometendo alguma falta moral? Como avaliar moralmente o suicídio? Existem tentativas de resposta para esse tipo de

questão desde Sócrates. No *Fédon*, Sócrates está à beira da morte e discursa sobre a filosofia ser um exercício de aprender a morrer. Ao ouvirem isso, os jovens discípulos questionam Sócrates se ele estaria recomendando que os filósofos praticassem o suicídio. Sócrates então responde que não é moralmente correto tirar a própria vida, pois os seres humanos são posses dos deuses, e certamente eles ficariam irritados se uma de suas posses tirasse a vida. No entanto, Sócrates conclui sua argumentação de maneira bem curiosa. Ele diz o seguinte: “não seria ilógico afirmar que um homem não deve suicidar-se até que o deus a ele indique alguma necessidade de o fazer, como aconteceu comigo agora” (Platão, 2015, p. 196). O problema ético-axiológico do suicídio é o mais discutido na Antiguidade, encontramos divagações sobre ele em Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Sêneca, Cícero e Plotino (Rey Puente, 2008). O que está em jogo nesse problema não é a busca de sentido para a própria existência, mas trata-se de valorar a ação de quem decide tirar a própria vida.

Já o problema ético-político sobre o suicídio pode ser expresso deste modo: Como nós enquanto sociedade devemos lidar com o suicídio? Essa questão tem desdobramentos para uma discussão sobre suicídio assistido, sendo uma variante do problema a seguinte pergunta: as leis devem permitir a eutanásia voluntária e involuntária? Peter Singer debateu esse problema em um polêmico trabalho publicado em 1979. Mas há outra forma de abordar o problema ético-político do suicídio, que pode ser assim formulado: uma sociedade justa deve adotar políticas de prevenção do suicídio? Nesse debate estão em jogo as posições paternalista e antipaternalista em relação ao suicídio. A posição paternalista alega que a liberdade de um indivíduo deve ser limitada quando esta causa um dano a si mesmo, de modo que políticas de prevenção do suicídio comporiam a estrutura básica de uma sociedade justa. Já a posição antipaternalista, influenciada pelo princípio do dano de Stuart Mill, advoga que interferir na decisão de uma pessoa que decide tirar a sua própria vida, seja lá qual for a motivação, constitui uma violação da sua autonomia (Kelly; Dale, 2011).

2 A “SOLUÇÃO” DE WITTGENSTEIN

O *Tractatus logico-philosophicus* se tornou um ponto de inflexão na história da filosofia, não só pela riqueza e originalidade do texto, mas em parte por conta da ousada tese defendida por Wittgenstein logo no prefácio. O filósofo afirma ter resolvido de vez todos os “problemas filosóficos”. Como aqui discutimos os problemas filosóficos levantados acerca do suicídio, há de supor que no *Tractatus* encontremos uma solução para esses problemas, por

mais que o tema suicídio não apareça na obra. Se essa solução é satisfatória é uma questão que discutiremos na última parte do texto.

Wittgenstein tem uma visão bem crítica da “natureza” de todo e qualquer problema filosófico. Ele argumenta que os problemas filosóficos são o resultado de um “[...] mau entendimento da lógica da nossa linguagem” (Wittgenstein, 1993, p. 131). Para demonstrar isso ele busca traçar as condições de possibilidade do sentido; nas palavras do filósofo: “[...] traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos” (Wittgenstein, 1993, p. 131).

Se os problemas filosóficos surgem do mau entendimento da lógica da nossa linguagem, o que significa compreender a “lógica” da nossa linguagem? Wittgenstein não está pensando na lógica formal ou lógica simbólica. Quando ele fala de “lógica da nossa linguagem”, tal expressão é usada no sentido de “essência” da linguagem. Para o filósofo, quando entendemos a lógica da linguagem expressamos pensamentos com sentido, com significado. Já quando há um mau entendimento da lógica da linguagem acabamos usando-a de maneira equivocada, expressando somente contrassensos, absurdos. No *Tractatus*, Wittgenstein almeja expor o que significa dizer algo com significado, o que faz um pensamento expresso por meio da linguagem ter sentido.

No prefácio, o filósofo ajuíza que o que pode ser pensado é o que pode ser dito por meio de proposições. A proposição é o modo como o pensamento se apresenta. Uma teoria do significado é, portanto, uma teoria sobre o que é uma proposição significativa. É comum se referir à teoria do significado tractatiana como sendo uma teoria pictórica do significado, pois Wittgenstein defende que a proposição significativa é aquela que faz uma imagem da realidade, mostra como é o mundo. Em termos wittgensteinianos, mostra o que é o caso, representa os fatos. “O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas” (Wittgenstein, 1993, p. 135). É como se a proposição significativa fosse um projetor que faz determinada situação visível ao projetar uma imagem dessa situação numa tela. A proposição remete a algo distinto dela mesma, “a proposição é uma figuração da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como pensamos que seja” (Wittgenstein, 1993, p. 165).

No *Tractatus* há uma clara diferenciação entre o sentido e a verdade de uma proposição. Vemos que “[...] a compreensão do sentido de uma proposição independe do seu valor de verdade” (Marques, 2005, p. 20); em outras palavras, “pode-se pois entendê-la e não saber se é verdadeira” (Wittgenstein, 1993, p. 169). Em um assalto, por exemplo, o criminoso pode colocar a mão no bolso afirmando estar armado. Apesar de compreender o sentido da

proposição “estou armado”, ela pode não ser verdadeira. O ladrão pode apenas estar simulando possuir uma arma. Nota-se que, “primeiramente compreendemos uma proposição, para somente então podermos determinar se ela é verdadeira ou falsa” (Marques, 2005, p. 19).

Na terminologia do *Tractatus*, “proposição” é sempre “proposição significativa”. O filósofo utiliza o termo *Unsinn* para designar proposições assignificantes, isto é, proposições sem sentido. Tal termo foi traduzido para o português por Lopes dos Santos como “contrassenso”, já José Arthur Giannotti optou por traduzir como “absurdo”. Sendo a proposição com sentido aquela que representa a realidade, que faz uma imagem da realidade, entendemos o sentido de uma proposição quando sabemos “qual é a situação que ela representa” (Wittgenstein, 1993, p. 169). Um contrassenso, um absurdo é um enunciado sem significado, porque não conseguimos visualizar por meio dele um “estado de coisas” que poderia ser ou não ser um fato. “Se entende a proposição se sabe o que a faz verdadeira e o que a faz falsa” (Mounce, 1983, p. 121).

Se por um lado proposições figuram a realidade, os contrassensos decorrem de um mau uso da linguagem que faz com que nada seja figurado, isto é, não temos uma “*image*” de um estado de coisas no mundo. Wittgenstein está convicto de que a maioria dos problemas filosóficos surge por causa destes contrassensos. Uma proposição possui sentido quando ela atende “[...] às regras da lógica da linguagem e quando ela pode [...] ser compreendida de tal modo que se saiba o que é o caso se ela for verdadeira” (Haller, 1991, p. 53).

As proposições das ciências naturais atendem esses pré-requisitos, mas problemas filosóficos, tais como os referentes ao suicídio, não atendem. Pensem, por exemplo, no primeiro problema que discutimos. Ele está conectado com outro problema filosófico: qual é o sentido da vida? Duas respostas são possíveis: 1) a vida tem sentido; 2) a vida não tem sentido. Logicamente, só uma sentença poderia ser verdadeira. Camus entende que a resposta verdadeira é a 2 e, com base nela, formula sua versão do problema do suicídio: sendo a vida sem sentido, por que devemos vivê-la? Reparem que utilizamos aqui o termo sentença, e não proposição. As duas respostas acima parecem proposições, mas não são, pois não figuram nada do mundo e, portanto, não podem ser verdadeiras, nem falsas, visto que são sem sentido. Vejamos melhor. Peguemos a proposição “o copo atrás da porta está quebrado”. Essa frase figura algo no mundo. Por mais que eu não esteja vendo o copo, sou capaz de projetar uma imagem no meu pensamento do que é um copo e o que significa estar quebrado. Cabe verificar se a proposição é verdadeira ou falsa. Isso ainda não sabemos, mas a proposição tem sentido. Já a expressão “sentido da vida” não figura nada do mundo, eu não consigo saber se a

vida tem sentido ou não, pois essa expressão não aponta para nada no mundo, portanto é inverificável e, por conseguinte, um contrassenso.

As três categorias de problemas que elencamos têm uma conotação ética em sentido lato, pois dizem respeito ao modo como devemos conduzir a nossa vida. Para Wittgenstein, a pretensão filosófica de fundamentar uma teoria moral, isto é, uma ética, esbarra no fato de ser impossível elaborar proposições éticas com sentido. O enunciado “não se deve roubar” não pode ser um enunciado sobre o que é o caso (Mounce, 1983, p. 121). Da mesma forma como os enunciados “não se deve tirar a própria vida” ou “não se deve impedir que uma pessoa tire a própria vida”.

Quando Wittgenstein está falando sobre ética, o que ele tem em mente é a concepção apresentada por Moore no *Principia Ethica*: “Ética é a investigação geral sobre o que é bom” (Wittgenstein, 2015, p. 37). A ética não investigaria se uma coisa é boa, mas sim qual é a essência do bom/bem. Por meio desse tipo de investigação, a ética espera identificar valores absolutos que deveriam orientar as ações humanas. Além disso, agir de acordo com tais valores seria o caminho para a “vida boa”. “A linguagem moral diz respeito aos valores, ao que deve ser e que, portanto, não se encontra no mundo dos objetos empiricamente verificáveis” (Neri, 2004, p. 642). Assim, a partir de uma visão tractatiana da ética, enunciados morais do tipo “age virtuosamente e será feliz” ou “é preciso seguir os imperativos da razão para o agir moral autônomo” seriam enunciados destituídos de sentido.

Na realidade, esta é precisamente a opinião que Wittgenstein, não somente no *Tractatus*, mas em muitas de suas manifestações essenciais ao longo de sua vida. Porém, na época do *Tractatus*, sustentou que o sentido de uma proposição se encontra precisamente no seu figurar os fatos, ou, ao menos, um possível fato. Daí se segue que não pode haver proposições de valor [proposições éticas] (Mounce, 1983, p. 121).

As respostas para os diferentes problemas do suicídio são enunciados que não figuram uma situação possível no mundo em que se poderia verificar o seu valor de verdade, isto é, são enunciados que não podem ser nem falsos, nem verdadeiros, já que eu não posso dizer que sei em qual situação eles seriam o “caso”, ou em qual eles não seriam. Wittgenstein é assertivo sobre a impossibilidade de existir proposições éticas: “a ética não se deixa exprimir” (Wittgenstein, 1993, p. 277). Assim, o *Tractatus* descarta a possibilidade de uma “ciência da moral”. Tendo em vista tudo isso, como solucionar o problema ou os problemas filosóficos sobre o suicídio? Para Wittgenstein, do modo como se soluciona qualquer problema

filosófico: abandonando-os. Daí a famosa última frase do *Tractatus*: “Do que não se pode falar, deve-se calar” (Wittgenstein, 1993, p. 281). Wittgenstein reduz a filosofia ao papel de esclarecer logicamente o pensamento, que é expresso pela linguagem. De modo que “o resultado da filosofia não é um número de ‘proposições filosóficas’, mas tornar as proposições claras” (Wittgenstein, 1993, p. 117), estabelecendo um limite para o que pode ser dito. Sabe-se que Wittgenstein (2009) abandona sua teoria pictórica da linguagem nas *Investigações filosóficas*; no entanto, permanece no trabalho tardio do filósofo a compreensão de que está vedada à filosofia moral a possibilidade de produzir proposições verdadeiras, pois os problemas éticos estão estruturados a partir de uma má compreensão da linguagem.

3 PROBLEMA RESOLVIDO?

Embora Wittgenstein recomende que a melhor forma de resolver um problema filosófico é abandoná-lo, o filósofo é constantemente atraído para esses problemas que ele diz serem contrassensos, usos sem sentido da linguagem. Em 1917, ou seja, enquanto escrevia o *Tractatus*, Wittgenstein registrou uma nota intrigante em seus *Notebooks*. Importante salientar que esses registros privados de Wittgenstein não são meras considerações de um diário pessoal, mas o rascunho de muitas ideias que estarão presentes no seu primeiro livro. E nesses rascunhos Wittgenstein especula filosoficamente sobre a natureza do suicídio. Numa anotação de 10 de janeiro de 1917, ele diz o seguinte:

Se o suicídio é permitido, então tudo é permitido.
Se algo não é permitido, então o suicídio não é permitido.
Isso lança uma luz sobre a natureza da ética, pois o suicídio é, por assim dizer, o pecado elementar.
E quando se investiga isso, é como investigar vapor de mercúrio para compreender a natureza dos vapores.
Ou será que o suicídio em si mesmo não é nem bom nem mau? (Wittgenstein, 1961, p. 91, tradução nossa).

Essa passagem um tanto enigmática apresenta a ideia de que o suicídio é uma questão-chave para a compreensão das questões éticas. Por isso ele chama o suicídio de “pecado elementar”. Parece que a resposta para o problema “é o suicídio moralmente correto?” nos permitiria avaliar os demais problemas morais. Daí a metáfora do vapor de mercúrio, que ao estudarmos podemos compreender a natureza de outros vapores. Talvez Wittgenstein retrospectivamente avaliasse essas anotações como contrassensos, mas é emblemático notar

que enquanto escrevia a obra que recomenda o abandono dos problemas filosóficos, ele mesmo era atormentado por esses problemas.

O suicídio não esteve presente somente nessa breve consideração filosófica que Wittgenstein anotou em seu caderno. A própria biografia dele foi marcada pelo suicídio. Três irmãos de Wittgenstein se suicidaram, e pensamentos sobre tirar a própria vida sondaram a mente do filósofo por anos. Podemos ver isso em uma carta que ele endereçou ao amigo Paul Engelmann:

Muito obrigado por sua gentil carta, que me deu muito prazer e assim talvez tenha me ajudado um pouco, embora, no que diz respeito aos méritos do meu caso, eu esteja além de qualquer ajuda externa. – De fato, estou em um estado de espírito que é terrível para mim. Já passei por isso várias vezes antes: é o estado de não conseguir superar um fato específico. É um estado lamentável, eu sei. Mas há apenas um remédio que posso ver, e isso é, claro, aceitar esse fato. Mas isso é justamente como acontece quando um homem que não sabe nadar cai na água e se debate com as mãos e os pés e sente que não consegue manter a cabeça acima da água. Essa é a posição em que me encontro agora. Eu sei que se matar é sempre uma coisa vil a se fazer. Certamente ninguém pode desejar sua própria destruição, e qualquer um que tenha visualizado o que na prática está envolvido no ato de suicídio sabe que o suicídio é sempre uma precipitação de suas próprias defesas. Mas nada é pior do que ser forçado a surpreender a si mesmo. Claro que tudo se resume ao fato de que eu não tenho fé! Bem, vamos ver! – Por favor, agradeça à sua venerada mãe em meu nome por sua gentil carta. Certamente irei a Olmitz, mas não sei quando. Espero poder fazê-lo em breve. Cordialmente, Ludwig Wittgenstein (*apud* Engelmann, 1967, p. 33, tradução nossa).

É preciso sempre ter cuidado ao lidar com anotações pessoais de um filósofo, pois podemos cair em um psicologismo que reduz a filosofia de um autor como sendo meramente um espelho do seu estado de espírito. No entanto, trazemos aqui essas anotações pessoais de Wittgenstein, pois as consideramos úteis para nossa avaliação da reposta wittgensteiniana ao problema filosófico do suicídio.

Recapitulemos o que estamos chamando aqui de “solução wittgensteiniana” para o problema do suicídio. O *Tractatus* postulou que os problemas filosóficos são absurdos, pois decorrem de um desconhecimento da lógica da linguagem, de modo que a melhor maneira de se resolver esses problemas é abandonando-os. A filosofia desde a Antiguidade abordou o suicídio como um problema filosófico e, como vimos, há diferentes modos de se formular esse problema. Portanto, se tomamos como verdadeiras as proposições do *Tractatus*, a melhor maneira de se solucionar o “problema do suicídio” é abandoná-lo. Dois motivos nos levam a suspeitar que essa solução wittgensteiniana seja insuficiente.

A primeira debilidade da “solução wittgensteiniana” salta aos olhos quando trazemos à luz uma premissa oculta na argumentação do filósofo. Wittgenstein pressupõe que os problemas filosóficos nascem no gabinete dos filósofos, que, movidos por uma curiosidade intelectual e má compreensão da linguagem, se enveredam na formulação de proposições sem sentido. No entanto, o problema do suicídio assim como vários outros problemas filosóficos não surgem da especulação de acadêmicos entediados. Concordamos com Nagel (2011, p. 5), quando ele diz que “a matéria-prima filosófica nos é fornecida diretamente pelo mundo e por nossa relação com ele, não pelos escritos do passado. É por isso que esses temas surgem repetidas vezes na cabeça de pessoas que nunca leram nada a respeito deles”.

Assim, o problema do suicídio, em suas diferentes formulações, não se refere apenas a mera curiosidade desinteressada, mas à busca de uma orientação para a ação. Um homem sem perspectivas para o futuro se pergunta se vale a pena continuar vivendo ou se a morte seria um alívio. Uma pessoa cética, não temendo nenhuma punição divina, pergunta para si mesmo se seria moralmente correto tirar a própria vida. Ou há algum dever em preservar a própria vida? Existe alguma responsabilidade para consigo mesmo e com aqueles que sentirão sua falta? A demanda por uma morte digna vinda de indivíduos em extremo sofrimento físico suscita questões como: nossa sociedade deve garantir o direito à eutanásia? Todos esses cenários deixam nítida uma coisa, abandonar o problema do suicídio não é como interromper um manuscrito sobre o suicídio por ele ser um contrassenso. Afinal, os problemas continuarão lá, a necessidade de uma orientação para a ação também. A “solução wittgensteiniana” parece a atitude de um homem doente que decide resolver o problema não indo ao médico verificar qual é a doença, como se isso fizesse a doença não existir. Vemos, então, que o problema do suicídio não é um problema filosófico por ter sido formulado por filósofos. As origens do problema estão na própria indecisão diante de questões tais: Como eu levo uma vida com sentido? Como eu devo agir? Quais devem ser as regras da nossa convivência? Fazer de conta que a solução para esses problemas é abandoná-los nos parece um contrassenso maior que não tentar respondê-los.

Se tomamos o problema do suicídio como essencialmente um problema ético, a segunda debilidade da “solução wittgensteiniana” pode ser entendida a partir da crítica ao subjetivismo ético, a doutrina que sustenta que “os juízos ou perspectivas morais são meramente subjetivas” (Williams, 2005, p. 19). Bagán (2019) sustenta que o subjetivismo ético é patente no pensamento do primeiro Wittgenstein. Pensamos que o filósofo recusaria com veemência esse rótulo, mas não entraremos aqui na querela exegética para saber se

Wittgenstein é ou não é um subjetivista ético. De imediato, nos interessa apontar que algumas das posições do subjetivismo coincidem com as posições de Wittgenstein. Por exemplo, é uma posição típica do subjetivismo ético dizer que os “juízos morais não podem ser provados, constatados, demonstrados como verdadeiros da mesma forma como o podem as afirmações científicas; eles são uma questão de opinião pessoal” (Williams, 2005, p. 19). E essa é uma das conclusões do *Tractatus*. Quando trazemos essa perspectiva para o problema do suicídio, o que se infere é que a filosofia moral não tem nada a dizer sobre o assunto. Não haveria critérios objetivos para se discutir a ética do suicídio. Entendemos que uma boa objeção ao subjetivismo fornece uma boa objeção à tese de Wittgenstein. Mas qual objeção seria essa? Bernard Williams, em seu curso de ética, elabora uma série de contra-argumentações ao subjetivismo; destacaremos aqui apenas uma delas. O filósofo argumenta o seguinte, o subjetivista observa as discrepâncias morais e reconhece que não há procedimentos como nas ciências para determinar uma solução. Todavia,

[...] um filósofo que estivesse discutindo com o subjetivista poderia parar e dizer: é claro que a discrepância existe; a moralidade não é a exatamente igual à ciência ou ao conhecimento factual, e é fundamental que ela não seja. A função da moralidade não é refletir o mundo, mas transformá-lo; ela se preocupa com coisas como princípios de ação, escolhas, responsabilidades (Williams, 2005, p. 53).

Vemos que a discussão filosófica sobre o suicídio não quer deixar o mundo tal como ele está, ou seja, dizer “o que é o caso”. Esse é o tipo de questão cuja resposta visa modificar a realidade, alterando as relações dos indivíduos com o mundo seja no nível individual ou coletivo. Por esse motivo, os filósofos continuarão tratando o suicídio como um problema filosófico; a “solução wittgensteiniana” para todos os problemas da filosofia não tem força suficiente para levar os intelectuais ao abandono dessa empreitada, pois a nossa própria humanidade nos impele a ela.

REFERÊNCIAS

BAGÁN, Balbina Ferrando. **Wittgenstein y elescepticismo**: elescepticismo em El *Tractatus*. Universitat de València, Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación; Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Valencia, 2019.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Lisboa: Livros do Brasil, 2007.

CÍCERO, Marco Túlio. **Discussões tuscianas**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

ENGELMANN, Paul. **Letters from Ludwig Wittgenstein with a Memoir**. Oxford: Basil Blackwell, 1967.

HALLER, Rudolf. A ética no pensamento de Wittgenstein. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 45-56, abr. 1991.

KELLY, Chris; DALE, Eric. Ethical perspectives on suicide and suicide prevention. **Advances in psychiatric treatment: the Royal College of Psychiatrists' journal of continuing professional development**, v. 17, n. 3, p. 214-219, 2011.

MARQUES, Edgar. **Wittgenstein & o Tractatus**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MOUNCE, Howard Owen. **Introducción al "Tractatus" de Wittgenstein**. Madrid: Tecnos, 1983.

NAGEL, Thomas. **Uma breve introdução à filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

NERI, Demétrio. **Filosofia moral: manual introdutivo**. São Paulo: Loyola, 2004.

PLATÃO. **Diálogos III - Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon**. São Paulo: Edipro, 2015.

REY PUENTE, Fernando. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

WILLIAMS, Bernard. **Moral: uma introdução à ética**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Notebooks, 1914-1916**. New York: Harper Torchbooks, 1961.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1993.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Uma conferência sobre ética**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.